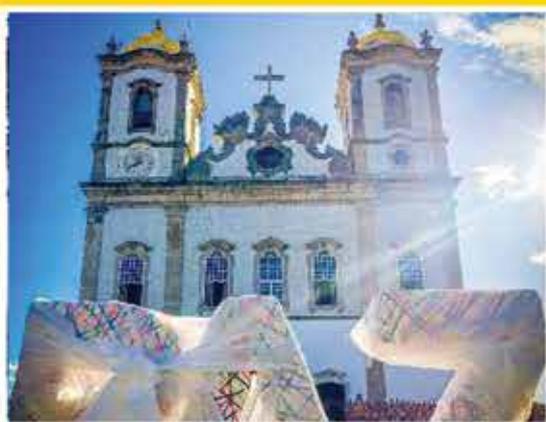




A Grande Feira

Fonte de renda e de abastecimento em Salvador, Feira de São Joaquim é quase uma entidade cultural, mas sofre com indiferença do poder público Págs. 2 à 5



Intervenção na Irmandade e ataque contra prefeito baiano são alguns dos destaques do Giro do Metrô1. Pág. 6



Jornal Metrópole relembra atentado contra Lacerda em série sobre episódios ocorridos em agosto. Pág. 9



A editoria de dicas traz mais uma rodada de conselhos indelicados, óbvios e apimentados. Págs. 14 e 15

Esquecida na Calçada

Símbolo da cultura e da identidade baiana, Feira de São Joaquim carrega história de resistência e espera há 12 anos por conclusão de obras de requalificação

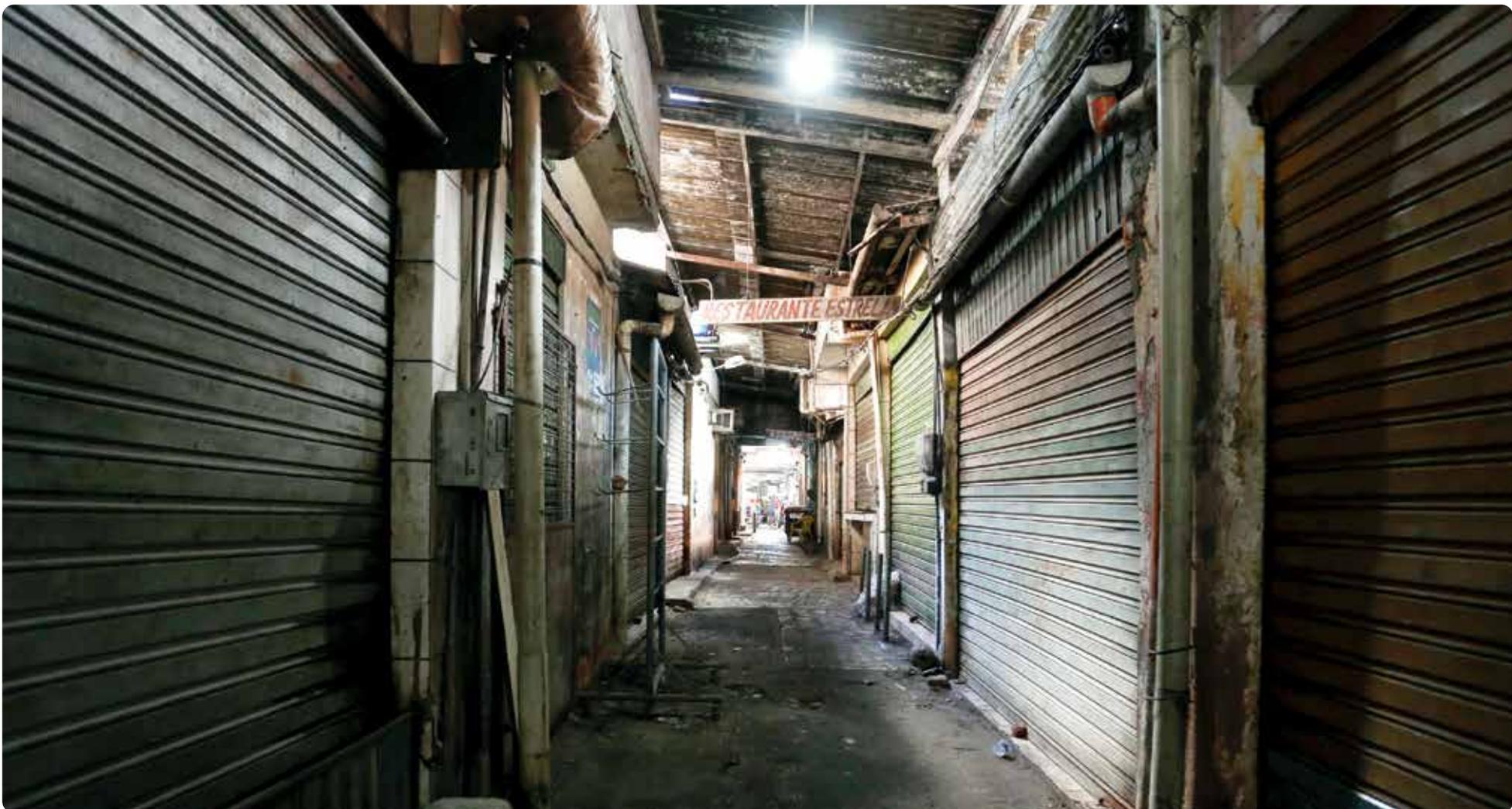
Fotos **Filipe Luiz**

Texto **Mariana Bamberg**

mariana.bamberg@radiometropole.com.br

É um vai e vem de pessoas entre vielas apertadas, que, sabe-se lá como, dão espaço também para caixotes e carrinhos de mão. A confusão também é ouvida. Gritos dos mais criativos comerciantes tentando atrair o freguês se misturam com a pechincha dos clientes e até cacarejos de galinha. O olfato também dá sinais de onde estamos. Vez ou outra é o cheiro de marisco que vem forte, mas logo perde o destaque para o odor das folhas usadas em chás ou rituais religiosos. A bagunça é sentida já do lado de fora, na Avenida Engenheiro Oscar Pontes, bairro da Calçada, Cidade Baixa.

É a Feira de São Joaquim, uma espécie de entidade na cidade de Salvador. Afi-



Publisher **Editora KSZ**
 Diretor Executivo **Chico Kertész**
 Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
 Editor de Arte **Paulo Braga**
 Editor Chefe **Rodrigo Daniel Silva**

Coordenação **Mariana Bamberg**
 Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
 Redação **Bélit Loiane, Kamille Martinho, Luana Lisboa, Mariana Bamberg e Nardele Gomes**
 Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
 Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

nal, além de colocar alimento na mesa com renda e abastecimento, ela representa cultura e identidade de um povo. Toda sua grandiosidade não foi, no entanto, suficiente para livrar o lugar do descaso do poder público e nem acelerar a espera de 12 anos pela conclusão de obras de requalificação.

UMA MEMÓRIA DE INCÔMODO

A maior feira livre da Bahia nem sempre foi de São Joaquim, padroeiro da categoria. Antes de ser dele, ela foi dos meninos - ou melhor, de Água de Meninos, como ficou conhecida aquela região onde os órfãos da Casa Pia costumam se banhar e brincar nas águas da baía. Mas isso ainda é coisa recente, data de 1959. Estima-se que o comércio que originou a feira tenha,

na verdade, mais de 300 anos. Surgiu de uma pequena venda que se aproveitava da proximidade do mar e de um atracadouro.

Antes de ser de Água de Meninos, a Feira de São Joaquim era Feira do Sete e ficava um pouco mais à frente de onde está hoje, nas imediações do sétimo armazém das Docas. Por lá, era intenso o movimento de saveiros chegando das ilhas da Baía de Todos-os-Santos e Recôncavo Baiano abarrotados de produtos. Mas, com o prolongamento do cais das Docas, ela precisou se mudar para a Enseada de Água de Meninos. Praticamente dobrou de tamanho até que passou a ser alvo de episódios de incêndios, para agonia dos comerciantes e felicidade dos urbanistas da época.

O fogo decisivo foi em 1964. Destruiu totalmente a feira. Na época, o incêndio foi atribuído a um vazamento de gás da

Esso, empresa de combustível que tinha tanques no local. Algumas versões, contudo, defendem que ele tenha sido criminoso. Afinal, aquela ocupação era vista como um obstáculo para as obras de urbanização e para uma imagem positiva nos estrangeiros que desembarcavam no porto de Salvador. Recortes antigos de jornais do período mostram o incômodo que a feira causa na elite. Uma das notícias, de agosto de 1931, dá conta de uma exigência feita pelas empresas que construíram um cruzamento férreo e a Avenida Jequitaia. Elas queriam que a prefeitura determinasse a retirada imediata das barracas. Foi o engenheiro Oscar Pontes - responsável pelas obras na região e que hoje dá nome à avenida da feira - quem teria negociado a condição com o prefeito Pimenta da Cunha.

Barulho de movimento e resistência

“A cidade precisa de nós para comer e nós precisamos dela para viver”. A declaração é coerente e atual, mas de um personagem fictício e antigo, um feirante que luta contra a remoção da Feira de Água de Meninos no filme *A Grande Feira*. O longa-metragem, realizado em 1961 por Roberto Pires, mostra o dia a dia dos comerciantes e os interesses políticos por trás dessa desocupação.

Filme e realidade têm fins diferentes, mas em ambos a feira resiste. Após o incêndio que aconteceu em 1964, logo ao lado do seu lugar original, ela se reergueu, desta vez batizada de São Joaquim. Cresceu. Sempre no sentido do Bonfim, até o tamanho em que hoje se encontra, limitada pelo terminal do Ferry-boat, pela Avenida Oscar Pontes, pelo antigo prédio da Petrobras e pelo mar. Os 34 mil metros quadrados ainda parecem apertados para os 8 mil trabalhadores e 6 mil visitantes que aparecem diariamente.

É gente chegando de toda parte da capital. Cidade Alta e Cidade Baixa. Pelo mar,

pelos grandes avenidas que cortam o bairro e até pelo Plano Inclinado da Liberdade/Calçada. Para ajudar na chegada à feira, uma passarela de pedestres também chegou a ser projetada pelo arquiteto João Filgueiras, o Lelé. A proposta acabou não vingando, mas São Joaquim continuou como a mais movimentada da cidade.

Os 34 mil m² parecem apertados para 8 mil feirantes e 6 mil visitantes que aparecem diariamente





Renda, encontros e diversidade

No vai e vem pelas estreitas travessas, os encontros são comuns e talvez, para muitos, façam até parte da missão de ir à feira. São amigos, conhecidos de décadas e até famílias, que acumulam gerações tirando suas rendas daquela bagunça organizada. Box que passou de pai para filho, feirante que começou com um carrinho de mão e hoje emprega colegas em uma loja. Por eles, a feira é considerada uma mãe, sustenta quem vive dela.

E engana-se quem pensa que deixou de ser assim. O historiador Rafael Dantas, por exemplo, discorda daqueles que defendem a queda da representatividade de São Joaquim na cidade. De acordo com ele, as feiras já chegaram a ser responsáveis por 80% do abastecimento da ca-

pital. Isso até a metade do século 20, depois, com a chegada dos supermercados, como o antigo Paes Mendonça, sua participação, claro, foi caindo até chegar em 50% entre as décadas de 70 e 80. Apesar disso, São Joaquim continua, segundo o historiador, como referência econômica e cultural para a cidade.

“Mesmo assim, ela continua atuante, sendo segunda e até a primeira opção para muita gente - afinal nela você consegue preços mais acessíveis e consegue pechinchar - e continua movimentando emprego, oportunidade de conversar e ver pessoas, coisa que você não faz no mercado, que é uma coisa muito individualista. A feira é um trabalho em comunidade”, afirma o historiador ao **Jornal Metropole**.



Cronologia

1801 - Comércio local na região que já era chamada pelo cronista Vilhena como Água de Meninos

1920 - Feira do Sete

1932 - Feira de Água de Meninos

1964 - Incêndio faz a feira mudar de lugar e passa a se chamar Feira de São Joaquim



2012 - Foram iniciadas as obras de requalificação, ainda não concluídas



2017 - Virou palco do samba em Salvador com a criação do projeto Samba da Feira

O gosto amargo do esquecimento

Apesar da bagunça organizada ser uma característica da feira, consumidores e parte dos feirantes cobram requalificação para garantir segurança e infraestrutura. A espera já passa dos 12 anos. Em 2011, um projeto de revitalização coordenado pela Secretaria de Turismo da Bahia (Setur) foi apresentado e dividido em três partes. A primeira foi concluída em 2016, com dois anos de atraso. Foram feitos serviços de pavimentação, drenagem, instalações elétricas e hidráulicas e reconstrução dos boxes, mas em apenas 30% da feira. O restante continua sofrendo com descaso do poder público.

Desde então, as outras etapas seguem sem previsão. Ao **Jornal Metropole**, a Setur e a Conder (Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia), responsável pela execução da obra, alegam que, com o aumento nos preços de itens da construção civil após a Covid-19, as empresas responsáveis pelas obras pediram distrato. A Setur não deu um prazo, mas informou que uma nova licitação deve ser feita.

O problema com as empresas vem de antes. Ainda no início do projeto, muitas de-

las acabaram dando para trás quando viram o tamanho da responsabilidade. O desafio era agradar 8 mil comerciantes, que, mesmo sabendo da necessidade, tinham medo de acontecer com a feira o mesmo que, tempos depois, ocorreu com a requalificação da Ceasinha e do antigo Mercado do Peixe.

A Ceasinha, por exemplo, virou quase um mini shopping e o reflexo foi parar no preço. Já o Mercado do Peixe mudou de nome, agora é Praça Caramuru, e os 36 boxes tiveram que dar espaço a 11 restaurantes. O receio dos comerciantes de São Joaquim era exatamente esse: perder essência e espaço.

Domingos Leonelli, à frente da Setur na época do lançamento do projeto, resistiu a esse tipo de intervenção. Realizou assembleias com comerciantes e, junto com eles, não aceitou transformar a feira em uma espécie de shopping. A ideia dele era justamente manter a autenticidade do lugar. Transformá-lo em um dos centros turísticos da cidade, mas sem perder suas características e clientela tradicional.

“A feira em si já é muito rica. É um concentrado de tudo que é a Bahia e Salvador.

Não precisa de nada artificial. Até porque os turistas dispensam a artificialidade, eles buscam o autêntico. A intenção era um espaço como ele é, mas sanitizado, com rede elétrica segura e fácil de limpar”, conta.

A feira em si já é muito rica. É um concentrado de tudo que é a Bahia e Salvador. Não precisa de nada artificial.

Domingos Leonelli

Ex-secretário de Turismo da Bahia



O cheiro do futuro

Entre os feirantes, não existe unanimidade sobre as obras. Presidente do Sindfeira (Sindicato dos Feirantes e Ambulantes de Salvador), Nilton Ávila - o Gago da Feira - reconhece isso. Mas ele também não tem dúvidas de que, como está, os dias da feira estão contados. Segundo Gago, os 30% já requalificados têm mostrado resultado. Se antes os turistas iam só visitar, hoje já param para consumir. E é isso que os comerciantes precisam.

“Não queremos elitizar, nosso público é da Cidade Baixa e o povo do Axé. Mas atrair turistas também é uma necessidade, porque éramos o centro de abastecimento da cidade, mas já existem outros pela cidade”, avalia.

Mas a requalificação não é a única solução. Os feirantes cobram capacitação e valorização do espaço como local cultural. E apesar do pessimismo com relação ao futuro, eles sabem que feira é local de resistência. Seja de uma identidade, de tradições e até resistência à indiferença do poder público.



Giro de notícias

Para você ficar informado sobre os principais acontecimentos da Bahia e do Brasil nesta semana, o **Jornal Metropole** traz um compilado dos destaques do **Metro1**, o nosso portal de notícias

TÔ NEM AÍ...

Apesar de ser cobrado para ter uma oposição mais enérgica, Marcinho Oliveira, líder do União Brasil na AL-BA, disse que subiria novamente no palanque com o governador Jerônimo Rodrigues (PT). Ao **Metro1**, o parlamentar afirmou que seu ato não representa o posicionamento do partido.

reprodução/redes sociais



JUSTA HOMENAGEM?

A Assembleia Legislativa da Bahia (AL-BA) aprovou um projeto para batizar o aeroporto de Bom Jesus da Lapa com o nome da mãe do deputado estadual Eures Ribeiro (PSD), Eva Ribeiro. A proposta da homenagem, que foi feita pelo deputado estadual Eduardo Salles (PP), ainda precisa da sanção do governador Jerônimo Rodrigues (PT).

CNH SOCIAL

O diretor-geral do Detran-BA, Rodrigo Pimentel, antecipou em entrevista à **Rádio Metropole**, que o governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues (PT), irá lançar o programa de CNH Social, que vai conceder a carteira de habilitação gratuita para a população de baixa renda.

felipe aguiar/metropress



INTERVENÇÃO

O arcebispo de Salvador, cardeal Sérgio da Rocha, decretou uma intervenção na Irmandade do Bonfim e afastou o juiz da Irmandade, Jorge Nunes Contreiras. O padre José Abel Carvalho Pinheiro foi nomeado como interventor, por 180 dias. No decreto de intervenção, a entidade justifica o afastamento afirmando que houve “surgimento de conflitos” e o “descumprimento do Estatuto e do Regimento Interno da Devoção”.

PROPOSTA POLÊMICA

O deputado estadual Júnior Nascimento (União) propôs um projeto de lei para proibir bares, restaurantes, lanchonetes, hotéis e motéis na Bahia de oferecer cardápios exclusivamente digitais. A Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel) criticou a proposta e defendeu a liberdade dos empresários.

DISPUTA ACIRRADA

Líder do governo na Câmara de Vereadores, Kiki Bispo (União) descartou a possibilidade de o prefeito de Salvador, Bruno Reis (União), ser reeleito em 2024 com facilidade. “Vai ser uma eleição difícil, mas nós vamos trabalhar para [vencer]”, afirmou, em entrevista à **Rádio Metropole**.

fernanda vilas boas/metropress



FRENTE A FRENTE

Relatora da CPMI do 8 de janeiro, Eliziane Gama quer uma acareação entre Anderson Torres, ex-ministro da Justiça, e Leandro Almada, ex-superintendente da PF na Bahia, após divergência nos depoimentos.

PRECONCEITO, NÃO!

O vereador de Alagoinhas, Arão José (PL), proferiu uma fala preconceituosa durante uma sessão na Câmara de Vereadores. Ao cobrar o prefeito Joaquim Neto (PSD) por obras de infraestrutura, o legislador disse que o gestor municipal “não era autista para esquecer das coisas”.

APURAÇÃO RIGOROSA

O governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues (PT), se manifestou sobre a escalada de violência policial. O gestor disse estar comprometido na “apuração de qualquer excesso”, e garantiu suporte do governo federal na questão.

divulgação



ATENTADO

O prefeito da cidade de Muritiba, Danilo Marques Dias Sampaio (PSD), conhecido como Danilo de Babão, foi baleado no pescoço no sítio dele, localizado na zona rural do município. Segundo a Polícia Militar, o crime aconteceu enquanto Danilo fazia uma videochamada com a noiva, que viu a ação e acionou a polícia. O atentado foi cometido por três homens armados, que roubaram dinheiro, celular e a chave do carro do prefeito.

Você sabia que essas expressões são puro preconceito?

“VAI DAR UMA DE JOÃO SEM BRAÇO?”

“QUE MANCADA!”

“FICOU SURDO?”

Aprenda a respeitar as pessoas com deficiência. Diga não ao capacitismo.

“PARECE ATÉ QUE É CEGO.”

“VIROU RETARDADO?”



Saiba mais:
acessibilidade.salvador.ba.gov.br



#paratodosverem Anúncio com fundo na cor azul e balões nas cores branca e amarela mostra em cima o título: “Você sabia que essas expressões são puro preconceito?”. Ele é seguido de várias expressões ofensivas às pessoas com deficiência: “Que mancada!”, “Vai dar uma de João sem braço?”, “Ficou surdo?”, “Parece até que é cego.”, “Virou retardado?”. Embaixo, dentro de outro balão, a frase: “Aprenda a respeitar as pessoas com deficiência. Diga não ao capacitismo”. No rodapé, site, QR-Code e assinatura da Prefeitura de Salvador.

Projetos mirabolantes

Com túnel para pedestres e teleférico, prefeitura tem sequência de projetos controversos para Salvador

Texto **Luana Lisboa**
luana.lisboa@metro1.com.br

Depois do projeto de construção de um túnel subterrâneo para pedestres entre o Campo da Pólvora e o Comércio, mais um plano, digamos, controverso. Dessa vez, a prefeitura de Salvador avalia, por meio da Fundação Mário Leal (FML), instalar um teleférico panorâmico ligando a Suburbana à estação de metrô de Campinas de Pirajá.

A intenção, segundo a fundação, é a mesma do contestado túnel para pedestre no Comércio: aumentar o fluxo de pessoas no metrô, já que o teleférico possibilitaria

que os moradores do Subúrbio e Pirajá tivessem um novo acesso à estação de Campinas de Pirajá. A capacidade do modal será de 4 mil passageiros por hora, o que equivale a cerca de 23 mil por dia.

Ao **Metro1**, a FML informou que os estudos sobre a viabilidade econômica do projeto ainda estão sendo feitos e que a previsão para que estejam prontos é em setembro deste ano. Se tudo se encaminhar como o esperado pela fundação, a construção das obras terá início em 2024, a pedido do prefeito Bruno Reis (União).

A responsável pelo projeto, aprovado em edital do BNDES, será a empresa

colombiana de engenharia IST Cables. A escolha, segundo a FML, se deve ao fato de não haver corporações brasileiras que trabalhem com o modal. No Brasil, há, pelo menos, cinco teleféricos em atividade, um, inclusive, no Nordeste, no município de Bonito, em Pernambuco.

PARA PALETAR

Mesmo após tantas críticas, o projeto do túnel subterrâneo, ao que tudo indica, está avançando. De acordo com a Secretaria Municipal de Infraestrutura (Seinfra), o contrato com a empresa responsável pelo projeto executivo foi assinado em abril.

A Sanehem, empresa especializada na elaboração de projetos de infraestrutura e supervisão de obras, será a responsável pelo estudo. A previsão é de que em outubro o projeto executivo esteja pronto. De acordo com a prefeitura, a expectativa é de que cerca de 3 mil usuários passem por dia pelo túnel de 825 metros de extensão.

O antropólogo Roberto Costa Pinho confessou não entender o projeto, que promete conectar o Campo da Pólvora, em Nazaré, ao Tabão, no Comércio. “Por que voltarmos à ocupação subterrânea? Vai haver uma nova invasão holandesa em Salvador e as pessoas precisarão se proteger?”, ironizou em entrevista à **Rádio Metropole**.

Ex-secretário para Projetos Especiais de Salvador, Pinho comentou ainda que o investimento poderia ter outro destino diante das necessidades da capital. “Estando o Centro Histórico tão abandonado, por que R\$ 300 milhões para isso? Esse dinheiro faria do Centro uma coisa completamente nova, dava pra enterrar a fiação do toda, fazer um parque histórico no Pelourinho... Eu realmente não entendo”, pontuou.



tomaz silva/agencia brasil

Um tiro no pé

Série especial do Jornal Metropole conta, a partir desta edição, episódios marcantes da história do Brasil ocorridos no mês conhecido como o mês do desgosto

Texto **Nardele Gomes**

nardele.gomes@radiometropole.com.br

5 de agosto de 1954, Rua Toneleiro, Rio de Janeiro. Era madrugada. O jornalista e político Carlos Lacerda, um dos mais ferrenhos opositores do presidente Getúlio Vargas, voltava pra casa. Ao sair do carro, na companhia de seu guarda-costas, o major da Aeronáutica Rubens Vaz, Lacerda foi alvo de uma conspiração assassina e fracassada que acabou com a morte do Major e o próprio Lacerda ferido no pé.

Mas as consequências daquele atentado foram além e levaram ao suicídio de Getúlio Vargas. Quem era Carlos Lacerda? Quem tomou a decisão de matá-lo? E por que Vargas atirou contra o próprio peito dias depois, ainda naquele mês daquele ano? Isso é o que vamos entender na série especial *Agosto*, que conta a partir de hoje episódios marcantes da história do Brasil ocorridos no mês conhecido como o mês do desgosto, o mês das ventanias.

O nome Carlos Frederico de Lacerda

não é à toa. Carlos vem de Karl Marx, e Frederico vem de Friederich Engels. Marx e Engels, os dois pensadores que criaram o Manifesto Comunista no século 19. O próprio Lacerda vinha da militância comunista desde a juventude. Participou ativamente da criação da Aliança Nacional Libertadora, partido que surgiu na década de 30 com foco no combate ao fascismo.

Mas depois da derrota da Intentona Comunista de 1935, levante armado organizado pelos comunistas pra tirar Getúlio do poder, Lacerda teve que se esconder numa chácara da família para se proteger. Rompeu com o movimento comunista em 39, por considerar que ele “levaria a uma ditadura pior do que as outras, porque muito mais organizada, e, portanto, muito mais difícil de derrubar”.

Acabou se tornando uma das vozes mais firmes da direita conservadora, e seguiu batendo de frente com Getúlio. No início da década de 50, em que Vargas havia voltado ao poder eleito pelo povo, o país vivia uma grave crise política e foi marcado

por fortes tensões sociais que abalaram o governo. Algumas atitudes políticas de Getúlio, como a proposta de criação da Petrobras e a manutenção dos preços altos do café, desagradaram os Estados Unidos, que se aliaram à oposição, capitaneada pela UDN, União Democrática Nacional.

A TRAMA CONTRA LACERDA

As acusações contra Getúlio feitas diariamente por Carlos Lacerda em seu jornal *Tribuna da Imprensa* colaboraram para tornar a situação crítica. E em agosto de 1954, a guarda pessoal do presidente Vargas entendeu que Lacerda precisava ser silenciado a qualquer custo. O chefe da guarda, Gregório Fortunato, tramou tudo e contratou um pistoleiro para matar Lacerda.

O então ministro da Justiça, Tancredo Neves, contou anos depois, que ao levar as informações ao presidente Vargas na manhã seguinte, o ouviu dizer que o tiro que havia acertado o Major Vaz, o acertara também pelas costas.

Dias depois, a placa do carro usado pelo pistoleiro foi divulgada nas rádios. O motorista se entregou à polícia. A princípio, negou envolvimento, mas acabou dando o nome de quem o contratou. Climério Euripes de Almeida, parte da guarda pessoal de Vargas. A ligação entre o crime e a guarda pessoal do presidente estava feita. O que era crítico se tornava insustentável.

Na próxima matéria desta série você vai lembrar a sequência de fatos que levaram ao suicídio de Getúlio Vargas naquele mês de Agosto.



ESPECIAL



METROPOLE



arquivo nacional



A Folha, a Barbie e Aracy Balabanian

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

A Folha de S. Paulo, que divide com o carioca O Globo a condição de mais importantes jornais do país, voluntariamente ou por um descuido difícil de explicar e mais ainda de entender, vem adotando um método no mínimo estranho de enquadrar o noticiamento da morte de mulheres brasileiras famosas. Só para ficar em obituários mais recentes onde o método de mau gosto foi aplicado, citemos títulos dados quando da morte de Marília Mendonça, Glória Maria, Gal Costa, Rita Lee e, nesta semana, a da atriz Aracy Balabanian, falecida em decorrência de um câncer aos 83 anos.

Na cobertura dos obituários de todas, e de muitas outras famosas, os editores da Folha fizeram contorcionismos freaks para dar um jeito de colocar nos títulos das matérias de destaque, replicadas em todas as suas redes sociais, algum aspecto da vida privada ou crítico da trajetória dessas mulheres. Quando da morte de Rita Lee, o jornal foi lá e tascou um título sensacionalista caça-clique associando a drogas, prisão por drogas e flerte com o universo dos discos voadores, como se essas coisas, embora todas reais, fossem os ganchos mais importantes em meio ao inventário gigantesco da obra e da trajetória de Rita e da sua contribuição, importância e originalidade para a história da música brasileira.

Na segunda-feira, em suas versões digitais em todas as plataformas e redes, a Folha apostou rude no lacre ao

apresentar Aracy e sua trajetória, e meteu um inacreditável “Atriz já fez aborto e não quis se casar nem ter filho para cuidar da carreira”. Hoje, quando se lê algo dessa natureza sobre uma atriz de 83 anos que acaba de falecer, nunca se sabe. Foi involuntário? Ou é de propósito, para gerar engajamento, já sabendo previamente que muita gente iria problematizar e perguntar a pretexto de que se apela para um título desses?

APRENDER COM A BARBIE

Cada um lê de um jeito, claro, com suas referências íntimas. Mas quem tem dúvidas de que, para milhares de leitores, sobretudo no Brasil de 2023, com a emergência da ideologia de extrema-direita, em cujo contexto uma mulher que faz aborto e não quer ter filho para ser atriz, uma descrição dessas é um pedido de julgamento moral de uma mulher morta? Ah, o que queríamos dizer era que Aracy foi uma mulher à frente do seu tempo, etc. Ah, tá.

Até na barbielândia já se aprendeu que as escolhas das mulheres dizem respeito a elas, e uma mulher pode escolher casar-se ou não, ser mãe ou não sem que isso a reduza aos não que disse para os tais papéis secularmente reservados a elas. Talvez a Folha precise aprender umas coisinhas com a Barbie e dar a ideia ao Ken do passado que titula os obituários das mulheres.

A Folha vem adotando um método no mínimo estranho de enquadrar a morte de mulheres famosas

Até na barbielândia já se aprendeu que as escolhas das mulheres dizem respeito a elas



Onde você vê um profissional, existe uma equipe de especialistas.



Responsável técnico: Silvana Rocha - CROBA 14011

Dra. Silvana Rocha
Cirurgiã Dentista

CLÍNICO GERAL, CIRURGIA, DENTÍSTICA, DTM, ENDODONTIA, ORTODONTIA, PERÍODONTIA, PRÓTESE E ODONTOPEDIATRIA.

 71 99610 9442

 silvaniarochaodontologia

Herdeira da resistência

Estado com maior número de comunidades quilombolas, Bahia preserva tradições ancestrais, mas enfrenta dificuldade na busca por direitos e qualidade de vida

BAHIA



Texto Bêlit Loiane

belit.loiane@metro1.com.br

Em uma abordagem histórica, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) recenseou pela primeira vez a população quilombola com base na auto identificação. Os dados revelam que o país tem 1,3 milhão de quilombolas, sendo a Bahia o estado com a maior população: 397.059. O número representa 2,8% dos residentes do estado, que abriga cinco das dez cidades do país de maiores populações quilombolas: Senhor do Bonfim, Salvador, Campo Formoso, Feira de Santana e Vitória da Conquista.

Engana-se quem acredita que os quilombos se resumem ao conceito amplamente disseminado. Mais do que um lugar de fuga para os negros escravizados, tornaram-se espaços onde o povo podia aplicar seus conhecimentos, outrora anulados pelos colonizadores. Comunidades organizadas, com diversas formas de trabalho.

A historiadora Clara Ferrão explicou

que os quilombos foram os primeiros locais sociáveis encontrados pela população negra brasileira. “Era um espaço de acolhimento. Ali as mulheres, que antes temiam ter filhos que seriam escravizados, passaram a sentir vontade de construir uma família”, afirmou ao **Metro1**.

REALIDADE

Com a inclusão dos quilombolas no Censo do IBGE, a esperança é de que os números mais fidedignos possam, enfim, acarretar em políticas públicas necessárias para a população. Afinal, as comunidades ainda amargam o descaso, com ausência de direitos básicos, assim como seus ancestrais. “Aqui falta tudo. Não temos transporte, escolas ou posto de saúde”, relatou Regiane Rodrigues, líder do Quingoma, localizado em Lauro de Freitas.

Os problemas também são citados por Rosemeire, líder do Quilombo Rio dos Macacos, em Simões Filho. A comunidade vive um impasse com a Marinha do

Brasil, o que a levou a fazer um apelo ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), durante sua visita a Salvador, em maio. “Quando a gente fala da falta de políticas a gente fala de uma criança que precisa andar mais de 7km para ir e para voltar da escola”, contou ao **Metro1**.

Clara Ferrão explicou que as condições vividas hoje são consequências também do processo de escravidão que moldou a sociedade brasileira. “A gente segue não reconhecendo essas pessoas e não dando o que elas precisam. Elas vivem abastadas, são pessoas extremamente inteligentes, mas a maioria sequer tem letramento. A palavra que melhor define essas comunidades segue sendo: ‘Resistência’”, declarou a historiadora.

Apesar de todos os problemas enfrentados, há esperança nos quilombos. Rosemeire, por exemplo, cita sete jovens e uma idosa de sua comunidade que hoje estão na faculdade. Para a líder do quilombo, essa é uma das poucas formas de passar a reescrever a própria história.

METROPOLE



Ninguém liga para o Dia dos Pais

James Martins

No máximo uma meia ou uma cueca. Geralmente é o que se dá (ou se ganha) de presente no Dia dos Pais. Uma forma de bater o ponto e se livrar. Os pais mais chiques podem também ganhar uma gravata. Às vezes igualzinha àquela que já ganhou no ano passado. Mas, se não se der nada também, não causa muito alarde — verdadeira tragédia que seria o mesmo no Dia das Mães. O fato é que ninguém dá a mínima para o Dia dos Pais. Nem sequer as lojas e os esquemas publicitários se mobilizam além do protocolo. Vi uma propaganda esta semana, não lembro de qual produto ou loja, que, em vez de homenagear a classe, mostrar um filho grato pela dedicação e amor paternos, por exemplo, dá uma espécie de lição de moral ensinando como os genitores devem se comportar na criação. Não estou dizendo que grande parte dos pais não precise realmente de conselhos do tipo, mas, peraí, há bons pais que gostariam de se ver retratados como alvo de amor e gratidão, pelo menos no dia comercial que lhes é dedicado.

Por outro lado, é compreensível. Cresci numa rua onde várias crianças vizinhas, vários amiguinhos, tinham apenas mãe. E não era que seus pais es-

tivessem mortos. Eram simplesmente pais que não nasceram para os filhos. Nunca assumiram afetiva nem financeiramente o resultado do romance, da transa, da gozada, da fecunda ejaculação precoce ou retardada. Outra coisa que me chamou atenção muito cedo está diretamente ligada à data de que estamos falando. No Dia dos Pais, o bar de Seu Santinho, que todos frequentávamos o ano inteiro, se enchia de crianças que eu nunca vira antes. Bem arrumadinhos, os meninos ficavam no entanto meio desajeitados no ambiente e mesmo ao lado dos caras. Ia-se ver, eram filhos deles. Parecia que foram encomendados só para aquele dia. Mesmo porquê, no dia seguinte, desapareciam para sempre até o ano que vem.

Portanto, entendo que encher os pais de carinho seja estranho para muita gente e até mesmo para o comércio. Porém, acredito também que, no meio de tanta desconstrução que vem sendo proposta, esta também deva ter lugar na agenda, no calendário. Ou talvez eu esteja com essa conversa mole toda apenas pra reivindicar que meus filhos se juntem e me deem um PlayStation 5 de presente.

O fato é que ninguém dá a mínima para o Dia dos Pais. Nem sequer as lojas nem os esquemas publicitários

Entendo que encher os pais de carinho seja estranho para muita gente, mas esta data também deve ter lugar na agenda



Coordenador **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Meu psiquiatra me disse para escrever cartas às pessoas que me fizeram mal e depois queimá-las. Mas o que eu faço com as cartas?

Só os loucos sabem

Dias ruins fazem parte do processo de crescimento e o equilíbrio é fundamental. Mas não esqueça: um “vá se f0d3r” pode ser libertador.

Juninho

O casado foi para um show de arrocha sozinho e o chupão que deu por lá foi parar nas redes sociais. Agora, não adianta reclamar, coisinho! Pode ficar virado na d3sg54ç4, mas aproveite pra cantar com emoção a letra do Ferinha: “Pensasse antes de ter feito, o que chama de erro, eu chamo de escolha...”

Flora_htinha

Quando eu morrer e virar um ser de luz já tenho até a lista de quem vou eletrocutar.

Guto

Desligaram o Wi-Fi do céu foi? Não estou vendo mais meu anjinho on-line.

Fausto Silva

Pare de se gabar dizendo que foi enviado por Deus... As 10 pragas do Egito também foram.

Matt Lauer

Seja otimista sobre o futuro, em algum momento tem que dar certo, porque errado já ta dando.

Zema

Não é possível que a vida só seja pagar boleto, limpar a casa e rejeitar ligação de São Paulo.

Low profile

Chuva é igual a amante. Para dormir com ele é uma delícia, mas para sair na rua é complicado...

Dora

Do que adianta o sextou estar chegando se sábado também é dia?

Redação

Vocês esqueceram? Nós não: beba água.

José

Se a vida te der um limão, agradeça porque tá tudo caro no mercado!

Tom de Roque

Todo mundo tem um papel na minha vida. Para alguns, é o higiênico.

Cid

Irei incomodar até morrer. Quem não está satisfeito que morra primeiro.

Liz de Jorgão

Parem de proibir tanta coisa! Eu não consigo desobedecer tudo!



Mosquito venenoso

Dia dos pais chegando e essa é para os papais que alegam não ter dinheiro para pagar a pensão dos filhos: cuidado ao postar foto na Linha Verde aos finais de semana.

Toinho

Não dá pra falar com alguém que parece antibiótico... Só responde a gente de 8 em 8 horas.

Maria Fifi

Tenho uma teoria muito engraçada sobre as pessoas que não respondem aos stories dos outros: eles trabalham. Vamos cuidar cada um cuida de sua vida que vai até sobrar tempo para sermos felizes, ok? Vamos parar de encher o saco.

Regina Jorge

Um programa de lazer com as crianças no final de semana: pegar ônibus no Vale dos Rios, a buraqueira é tanta que parece uma montanha russa.

Bruxaonilda

- O que o pagodeiro foi fazer na igreja?
- Foi cantar pá god.

Cabelinho

Se você está se sentindo sozinho, abandonado, achando que ninguém te liga... Atrase um pagamento pra você ver.

Flávia Vizinha

Toda máquina de lavar é também de secar se você deixar a roupa tempo o suficiente dentro dela.

Seu João

Às vezes, queremos tanto que seja amor que não enxergamos que é só teimosia.

Dora

Nunca atenda a campainha. É sempre uma pessoa. Nunca vai ser um doguinho ou comida de graça. É sempre uma pessoa. Ou pior: mais de uma pessoa. Deixe ela tocar.

Aventureiro

Inspire-se na lição de vida do brownie: um bolo que claramente não deu certo, mas encontrou um nicho só seu.

Pinho

Visite o zoológico de Salvador antes da privatização. Por enquanto, só precisa levar o real da pipoca e da água de coco.





**É pra adiantar o seu lado.
É do Governo do Estado.**



**DEM AÍ METRÔ ATÉ
ÁGUAS CLARAS/CAJAZEIRAS**



**DEM AÍ A NOVA RODOVIÁRIA
DE SALVADOR**



**NOVA AVENIDA
GAL COSTA**



**NOVA AVENIDA
29 DE MARÇO**



NOVOS TÚNEIS



NOVOS VIADUTOS



**LIGAÇÃO
LOBATO-PIRAJÁ**



**NOVO VOO
FEIRA - SALVADOR**

**É O GOVERNO INVESTINDO NAS MAIORES OBRAS
DE MOBILIDADE DA HISTÓRIA. É MENOS TEMPO
NO TRÂNSITO E MAIS TEMPO PRA VOCÊ APROVEITAR.**

